



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 66-67
2014-2015

ALFANGE: NÚCLEO HABITACIONAL NOS ARRABALDES DE SANTARÉM EM ÉPOCA ISLÂMICA

Tânia Manuel Casimiro¹, Ana Filipa Ferreira², Telmo Pinheiro Silva³

¹ Bolseira pós-doc FCT / Instituto de Arqueologia e Paleociências UNL / Instituto de História Contemporânea UNL / ARPA – Arqueologia e Património, Lda. / Associação dos Arqueólogos Portugueses / tmcasimiro@fch.unl.pt

² Arqueóloga / afilepaferreira92@gmail.com

³ Instituto de Arqueologia e Paleociências UNL / ARPA – Arqueologia e Património Lda. / telmoaps@gmail.com

Resumo

A intervenção arqueológica efectuada em Alfange (Santarém), nos finais de 2010, permitiu a descoberta de diversas estruturas arqueológicas associadas à ocupação islâmica daquela zona, tendo a sua escavação sido restrita a uma pequena área afectada pela construção de uma moradia. A arquitectura, as técnicas de construção e cultura material permitiram datar o abandono deste local algures na primeira metade do século XII, possivelmente aquando dos tumultos da invasão cristã, atendendo à ausência de quaisquer dados indicativos de populações cristãs.

Tratava-se de pequeno assentamento rural, cujo tamanho não foi possível determinar, mas que se comporia de, pelo menos, duas casas distintas, bem como de silos para armazenamento.

Palavras-chave: Santarém, Alfange, Habitação, Século XII, Islâmico.

Abstract

In late 2010, an archaeological excavation made in Alfange (Santarém) led to the discovery of many archaeological features, though the discovery was restricted to the construction area. The architecture, building techniques and material culture suggest that this site was abandoned somewhere in the first half of the 12th century possibly when Christian troops took the city from the Muslims since there are no signs of destruction or Christian occupation. This is a small rural settlement with at least two houses and some storage pits.

Keywords: Santarém, Alfange, Dwelling, 12th century, Islamic.

1. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

Durante os trabalhos de acompanhamento da construção de uma moradia unifamiliar em Olival do Parque (Alfange – Santarém), entre 2 de Novembro e 16 de Dezembro de 2010, financiados pelo proprietário, foram descobertos testemunhos arqueológicos de época islâmica. A intervenção, da responsabilidade de Telmo Silva e Tânia Casimiro, foi efectuada pela ARPA – Arqueologia e Património Lda. Outros achados arqueológicos eram já conhecidos nas imediações do local, identificados aquando da abertura de estrada, nomeadamente, silos, cuja cronologia fora atribuída, genericamente, à Idade Média.

Com efeito, a primeira intervenção arqueológica traduziu-se na realização de seis sondagens cuja profundidade variou entre 0,050 m e 1,500 m, cota de afectação máxima da obra, cuja distribuição coincidiu com a localização das sapatas no projecto arquitectónico. A realização destas sondagens permitiu identificar diversos materiais arqueológicos, nomeadamente produções cerâmicas, cuja

cronologia se concluiu corresponderem a produções associadas à ocupação islâmica dos arrabaldes de Santarém.

Neste sentido, e atendendo à presença de materiais arqueológicos, mas à ausência de estruturas, foi efectuada o acompanhamento arqueológico integral de todos os movimentos de terra na área onde seria construída a casa. A cerca de 1,200 m de profundidade, foi identificado conjunto de telhas que sugeria o abatimento de telhado, pelo que a escavação, até ao momento feita com recursos mecânicos, passou a ser efectuada manualmente. Ainda que diversas estruturas arqueológicas tenham sido efectivamente identificadas, muitas daquelas encontravam-se danificadas por intervenções anteriores, realizadas pelo proprietário do terreno, de modo a enterrar lixo, segundo o próprio (Fig. 1).

O sítio localiza-se junto à povoação de Alfange (coordenadas aproximadas 39° 13' 34.46" N 8° 40' 40,32" O), em pequena elevação junto ao Tejo, do qual dista 105 metros e a 495 m do centro de Santarém (Alcáçova) e a 850 m da Ribeira de Santarém.



Figura 1 – Aspecto de um dos sectores da escavação.

2. O ARQUEOSSÍTIO

Embora a zona tenha sido apenas parcialmente escavada, foram identificadas duas distintas zonas de habitação (Fig. 2). A primeira, e onde a maior área foi intervencionada, foi reconhecida inicialmente através da presença de derrube de telhas. O alargamento da área permitiu identificar o compartimento subrectangular, estruturado com paredes em taipa e o pavimento efectuado com cal batida (Figs. 3 e 4).

A orientação deste espaço era Norte-Sul, segundo o seu eixo maior, com a entrada virada para este. O seu comprimento máximo não ultrapassaria os 5,700 m e a largura daquele seria aproximadamente de 2,100 m. As paredes apresentaram uma dimensão média de 0,400 m e a abertura para o exterior, na parede Este, 0,700 m de largura. Junto à parede Oeste foi identificada uma lareira que, embora muito destruída, se encontrava estruturada com diversas telhas, ainda que seis daquelas tenham sido conservadas quase intactas *in situ*, evitando que cinzas e brasas entrassem em contacto com o chão

da casa, potenciando possíveis incêndios (Fig. 5). A lareira encontrava-se acomodada num nicho na parede, com cerca de 0,300 m de profundidade e 1,200 m de comprimento, que se desconhece se terá sido efectivamente pensado para tal solução, embora essa pareça ser uma técnica utilizada noutros locais do mundo islâmico, nomeadamente em Siyâsa (Múrcia) onde as habitações possuíam nichos para a colocação de lareiras ou fornos (Navarro-Palazón & Jiménez-Castillo, 1996). Infelizmente não foi possível escavar o compartimento a norte por sair da área do edifício a construir, ainda que breve limpeza superficial tenha permitido a identificação das paredes de taipa no lado interno do compartimento, compreendendo a sua dimensão.

Junto ao chão da casa, foram encontrados diversos elementos associados às actividades quotidianas, nomeadamente cerâmicas, muito fragmentadas, metais e alimentação.

No exterior deste compartimento, junto à entrada do mesmo, foi igualmente identificado grande conjunto de telhas. Imediatamente abaixo foram re-

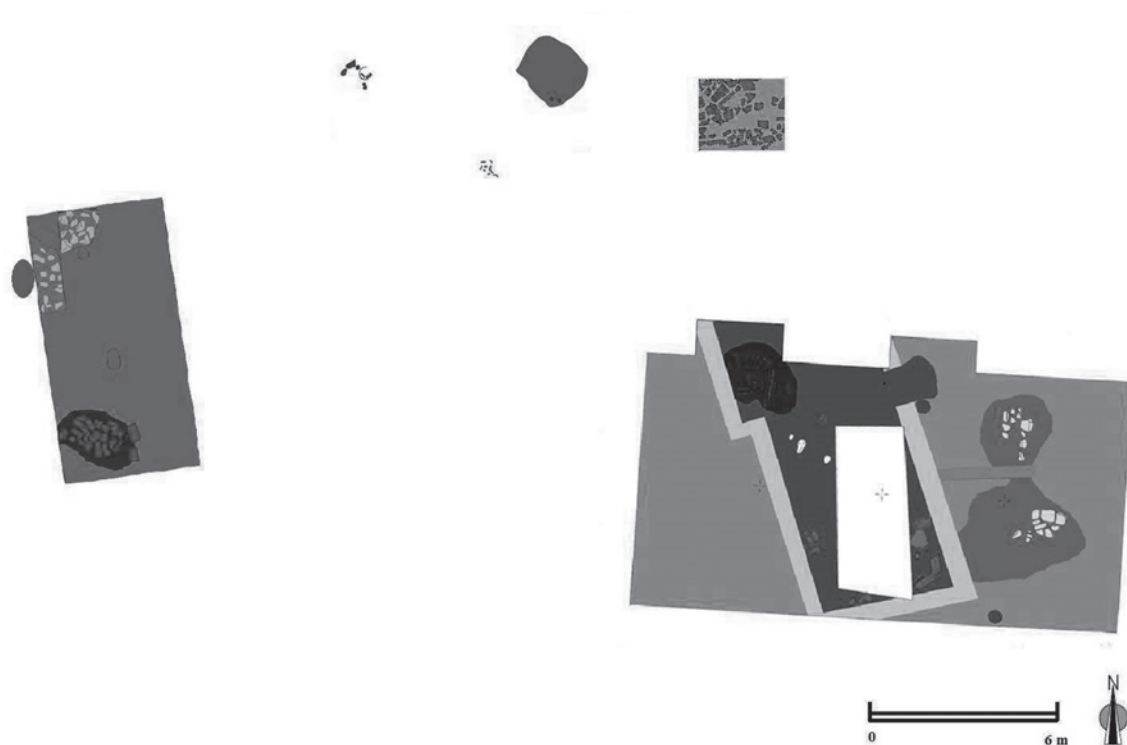


Figura 2 – Compartimentos subrectangular (a depressão central foi da responsabilidade do proprietário antes do início da obra).



Figura 3 – Aspecto de um dos sectores da escavação.



Figura 4 – Planta do compartimento subrectangular.



Figura 5 – Lareira.

conhecidos alguns buracos de poste, equidistantes, pelo que é possível que estejamos perante um pequeno alpendre, na parte frontal da suposta habitação, estruturado em madeira e com telhado.

Noutra área, a cerca de quinze metros desta primeira, foram identificados dois muros estruturados com pedras de pequena e média dimensão igualmente associados a dois buracos de poste e a lareira de grandes dimensões, algo estruturada pela presença de telhas em seu redor. Apesar de não ser possível inferir as dimensões deste compartimento,

acreditamos não pertencer à primeira casa, mas a outra estrutura habitacional, até porque se encontravam a cotas diferentes, com um desnível de cerca de um metro. Aquele espaço encontrava-se igualmente coberto com derrube de telhas.

Foram ainda identificados dois pequenos silos, embora apenas um deles tenha sido parcialmente escavado por se encontrar dentro da zona a afectar pela construção da nova moradia (Fig. 6). Ao exemplo do que aconteceu nas supostas habitações, também este silo se encontrava coberto com derrube de telhas sugerindo que se encontrava protegido por algum tipo de alpendre.

Efectivamente, foi possível a identificação, no total, de duas casas distintas (conclusão retirada através da presença da cerâmica de uso doméstico e das lareiras, estruturadas com telhas), dois silos e pequenas fossas detriticas contendo cerâmicas e restos de alimentação. Contudo, a dimensão do espaço disponível e o aparecimento de outras estruturas nas imediações, tais como silos, leva-nos a concluir que estamos perante pequeno núcleo habitacional, cujo número de casas não nos atrevemos a avançar, mas que ocuparia uma área de pelo menos 1200 m².



Figura 6 – Silo 2.

3. OS ACHADOS MATERIAIS

3.1. Cerâmicas

A maior parte da cerâmica identificada neste arqueossítio foi recuperada associada às estruturas acima descritas, pelo que acreditamos ali ter sido usada. A colecção traduz-se no que se consideram ser objectos de uso quotidiano nas diversas actividades de qualquer habitação.

A cerâmica foi encontrada em elevado estado de fragmentação, num total de 1415 fragmentos. Foi possível colar e reconhecer a forma em 1019 fragmentos, pelo que 396 foram impossíveis de atribuir a uma forma em particular. A colagem dos 1019 fragmentos resultou no reconhecimento de 169 objectos distintos.

A maior parte dos recipientes pode ser categorizada como cerâmica comum e apenas alguns fragmentos de louça revestida a vidro de chumbo ou de estanho.

Foram registadas 13 formas diferentes, agrupadas por tipologias funcionais. A cerâmica de cozinha, representada através de panelas, caçoilas, alguidares e testos, é o grupo mais abundante com 45,57% do total das formas reconhecidas. A sua função é assumida como de utilidade na confecção de alimentos, ainda que outros usos lhes possam ter sido dados. As panelas (Figs. 7, 8 e 9), o recipiente mais abundante, com a presença de 57 recipientes (33,73%), apresentam corpo globular, assente em fundo plano e bordos extrovertidos com perfil semi-circular ou subrectangular e bordo aplanado supe-

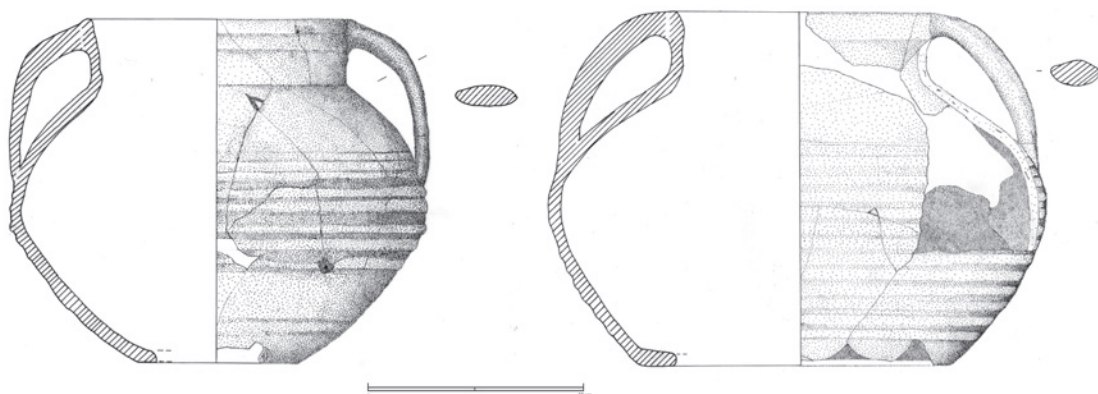


Figura 7 – Panelas.

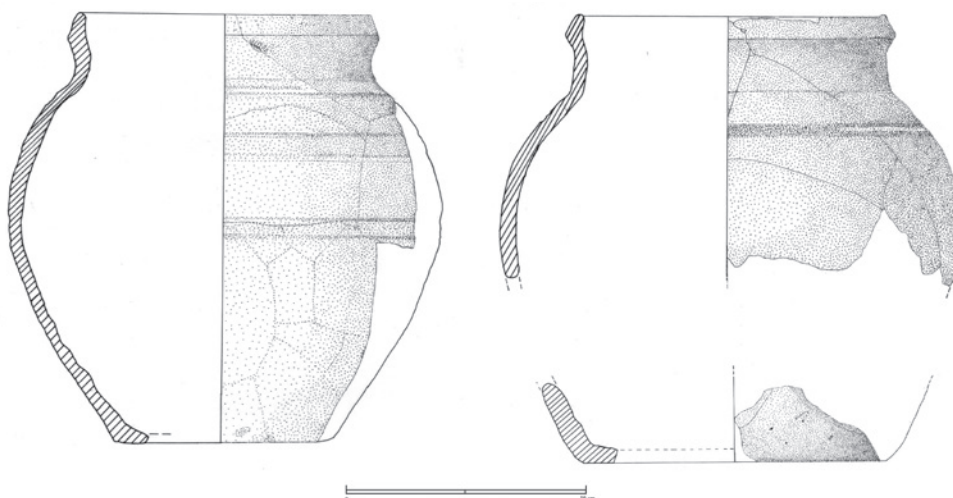


Figura 8 – Panelas.

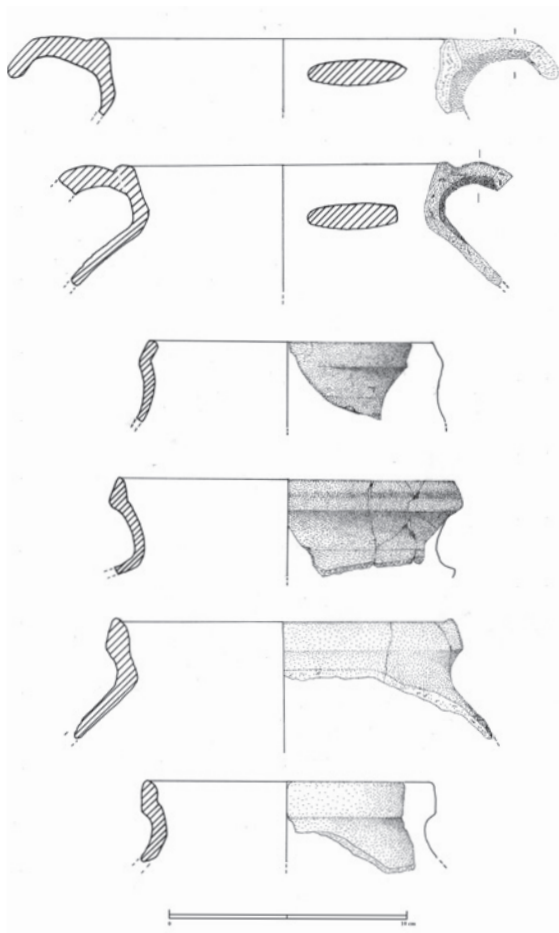


Figura 9 – Painelas.

riormente e uma ou duas asas verticais. Ainda que peças algo semelhantes tenham sido encontradas em Lisboa em contextos islâmicos (Bugalhão, Gomes & Sousa, 2007) estas são produções análogas às que foram identificadas na Alcáçova de Santarém em contextos da primeira metade do século XII e anteriores à Reconquista Cristã (Viegas & Arruda, 1999; Silva, 2011). Como mencionado, o arqueossítio ofereceu pequenas fossas preenchidas por detritos, incluindo conjuntos de cerâmicas e fauna. Num desses conjuntos foi encontrada painela (Fig. 10) quase completa, globular, com caneluras no bojo, lábio de secção semicircular e assente em fundo plano. A pasta, homogénea e compacta, apresenta elementos micáceos e de quartzo; granulometria média a fina. As paredes, negras, revelam claramente cozedura em ambiente redutor. O diâmetro do



Figura 10 – Painela no interior da qual foi identificado numisma.

bordo é de 0,124 m, sendo de 0,006 a espessura média das paredes. A altura total do recipiente é de 0,161 m. A painela, completa, mas fragmentada foi recolhida em bloco. No seu interior, escavado aquando do tratamento dos materiais, apareceu um único objecto, um numisma cujo estudo já se encontra efectuado (Antunes & Casimiro, 2013).

As caçoilas (Fig. 11), com 15 exemplares correspondem a 8,88% do total dos objectos. Os fundos são planos e os bordos introvertidos e um dos exemplares apresenta decoração branca sobre o bordo, igualmente semelhantes às peças identificadas na Alcáçova. O diâmetro do seu bordo varia entre 0,145 m e 0,235 m.

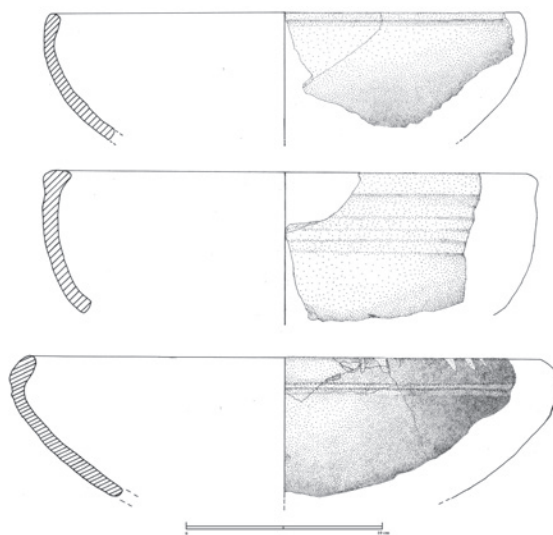


Figura 11 – Caçoilas.

Foram reconhecidos apenas três alguidares, correspondendo a 1,77% do total das cerâmicas recuperadas. Estes, fabricados com pastas vermelhas, bem depuradas, apresentam grandes dimensões com um diâmetro do bordo que pode chegar aos 0,355 m.

Apenas um testó (0,59%), com forma troncocônica e pega na parte superior foi identificado.

A louça de mesa, na qual foram incluídas as taças, púcaros, jarrinhas, jarras e garrafas, corresponde a 30,78% do total das cerâmicas, cuja função seria sobretudo a de servir alimentos. As taças (Figs. 12 e 13), com 22 exemplos (13,02%) são provavelmente a forma que mais variantes oferece. Elas surgem com forma hemisférica, bordo extrovertido e assentes em fundo plano, paredes vermelhas e sem qualquer tratamento da superfície. No entanto, existem pelo menos dois exemplares carenados, com pastas rosadas claras, assentes em pé anelar e bordo extrovertido, aplanado superiormente.

Quatro taças carenadas e assentes em pé anelar oferecem pastas claras e paredes revestidas a vidro de chumbo amarelo melado. Numa delas é possível ver vestígios de decoração em manganês. Peças semelhantes foram encontradas em Lisboa e Santarém (Bugalhão, Gomes & Sousa, 2007; Viegas & Arruda, 1999).

Apenas um exemplar de uma taça assente em pé anelar apresentou as superfícies revestidas a vidro de estanho, de cor branca, decorado com verde e manganês oferecendo no interior do fundo decoração geométrica. Peças semelhantes têm vindo a ser recuperadas em diversos sítios, nomeadamente em Lisboa, Sintra, Santarém, Silves, entre outros locais (Bugalhão, Gomes & Sousa, 2007; Gomez Martinez, 1998; Gomes, 2003; Coelho, 2008). Achados frequentes nos contextos Almorávidas, sobretudo urbanos, é possível datar estas cerâmicas do século XI (Calado & Leitão, 2005), muito embora, não seja estranha a sua previvência atendendo ao estatuto de peças de elevada qualidade.

Os púcaros, apenas com uma asa correspondem a 15 exemplares (8,88%), lábio com perfil semicircular e assentes em fundo plano, apresentado corpo

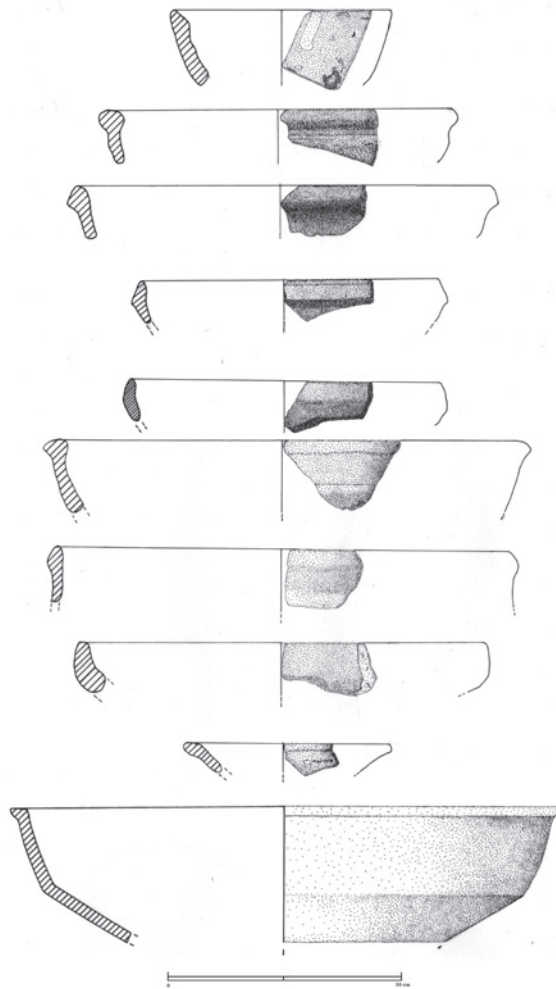


Figura 12 – Taças.

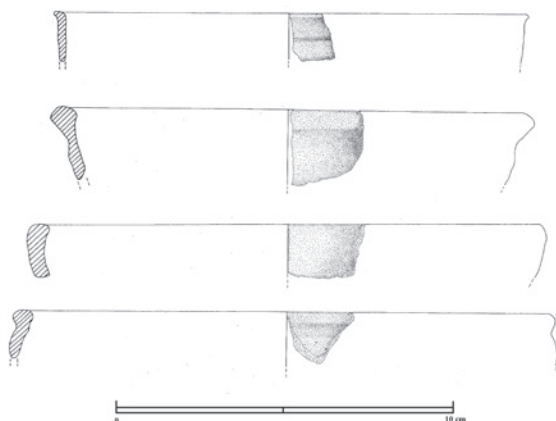


Figura 13 – Taças.

globular e colo alto, produzidos com pastas vermelhas bem depuradas. As jarrinhas (Fig. 14), formalmente muito semelhantes, mas, com duas asas, correspondem a sete exemplares (4,14%), todos produzidos com pastas claras, com um dos exemplares pintado a vermelho e outro a negro, sendo das poucas cerâmicas pintadas que se identificaram. Com o intuito de servir líquidos à mesa, os jarros correspondem a 3 exemplos (1,78%) e as garrafas a 5 objectos (2,96%), uma delas apresentando vidrado de chumbo amarelo nas paredes exteriores (Fig. 15).

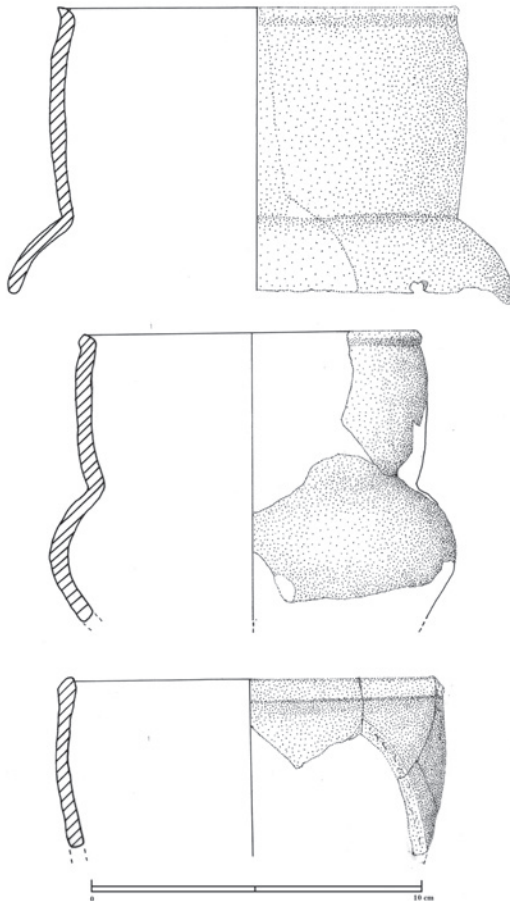


Figura 14 – Jarrinhas.

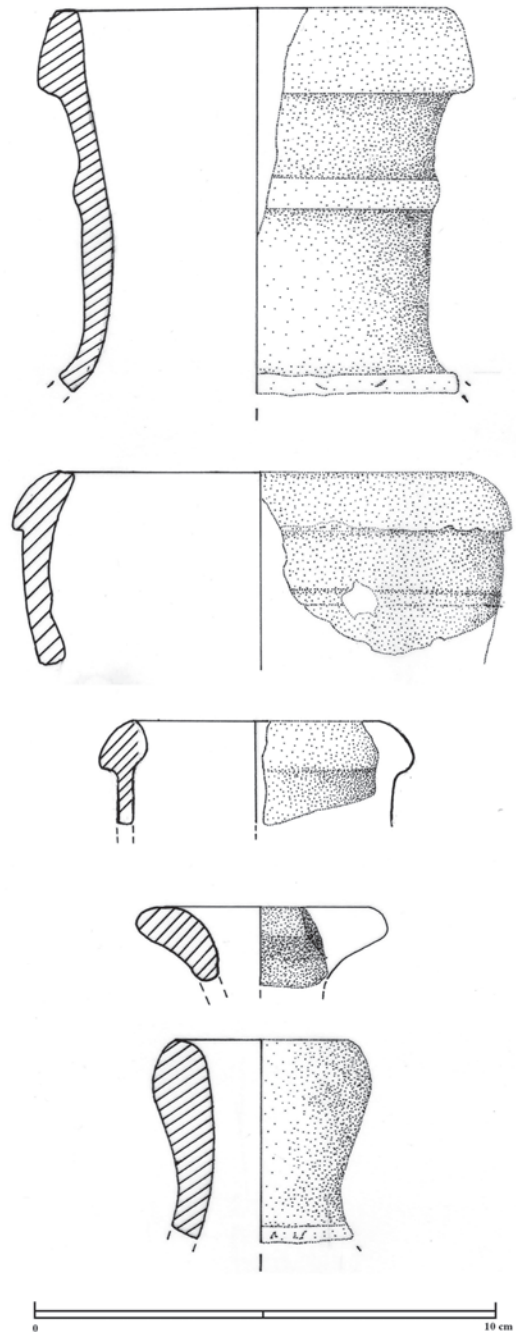


Figura 15 – Cântaros e garrafas.

A louça de armazenamento corresponde apenas a talhas e cântaros, compreendendo a 21,20% do total das cerâmicas. As primeiras foram apenas reconhecidas em quatro exemplares (2,37%) que, devido à espessura das paredes e dimensão dos bordos sugere serem objectos de grande dimen-

são, embora tenha sido impossível inferir a altura. Em maior abundância, os 33 cântaros (19,52%) oferecem corpos bojudos, colo elevado e bordos extrovertidos e duas asas de perfil convexo. Três deles apresentam pintura a branco sobre as suas paredes vermelhas.

Ainda que um achado frequente em contextos islâmicos, em Alfange foi apenas recuperado um candil, em elevado estado de fragmentação mas ainda com o reservatório e o bico. Foi produzido com pastas claras não mostrando sinais de decoração. Ainda dentro da categoria dos contentores de fogo foram identificados fragmentos de dois fogareiros cuja utilização seria, certamente, feita em conjunto com as painéis.

Existem poucas evidências de actividades lúdicas, no entanto, aquelas encontram-se representadas através de uma única malha de jogo, encontrada dentro do compartimento de maiores dimensões.

3.2. Metais

Foram identificados diversos objectos metálicos de uso quotidiano sendo a maioria em ferro. Foram recuperados 22 pregos de dimensões variáveis (entre 0,050 m e 0,985 m) que acreditamos terem sido utilizados sobretudo no suporte de madeira que sustentaria o telhado, considerando que a maioria foi efectivamente recuperada dentro dos compartimentos.

Apenas um pequeno prego em liga de cobre foi recuperado (compr. 0,056 m) possivelmente pertencendo a qualquer peça de mobiliário.

Ajudando ao conhecimento das actividades desenvolvidas no local, foram identificadas duas pontas de fuso em ferro (compr. 0,124 m), demonstrando que a fição seria uma actividade desenvolvida naquele ambiente, muito possivelmente por mulheres. Estes são achados comuns no Gharb, todavia são igualmente usuais em liga de cobre (Gomes, 2003).

Foi ainda recuperada ponta de lâmina de faca, em ferro que demonstra o tipo de utensilagem metálica que aqui existiria (Fig. 16).

4. CONCLUSÃO

O sítio arqueológico agora dado a conhecer, pode ser classificado como parte de assentamento rural localizado nos arrabaldes de Santarém. Os edifícios são estruturados com paredes em taipa com ou sem a base em pedra e onde diversos buracos de poste nos fazem crer que, associados ao corpo prin-



Figura 16 – Objectos metálicos.

cipal de cada habitação, existiriam alpendres ou outros compartimentos com paredes em madeira, possivelmente.

A maior parte da cerâmica foi recuperada dentro das habitações mencionadas. Ela traduz-se por ser, essencialmente, cerâmica de utilização quotidiana. Apenas a taça decorada a verde e manganês pode ser considerada como louça de melhor qualidade, sendo a cerâmica pintada representada apenas por sete objectos, um com pintura a vermelho, outro a negro e cinco a branco. Neste sentido e atendendo ao elevado grau de fragmentação, ausência de peças onerosas, assim como a inexistência de sinais de destruição abrupta, acreditamos que o local tenha sido abandonado, tendo os seus habitantes levado consigo os bens de maior valor. Não deve, no entanto, ser esquecido que o presente estudo pretende apenas a interpretação de fracção do local e que os seus habitantes podem ter continuado as suas funções quotidianas nas outras casas ali perto.

Atendendo à possibilidade de abandono e ao facto de apenas pequena parte do assentamento ter sido escavado não é fácil inferir sobre o nível sócio-económico dos habitantes deste aglomerado populacional. Contudo, tomando a parte como o todo, deve referir-se a presença de cerâmica de utilização quotidiana semelhante à que foi recuperada na

alcáçova de Santarém pelo que as actividades domésticas que aqui tiveram lugar foram semelhantes.

Mas quando se processou este abandono? O numisma ali encontrado é atribuível à primeira metade do século XI (Antunes & Casimiro, 2013), no entanto, as formas cerâmicas apontam para um abandono ligeiramente mais tardio, oito a nove décadas depois, durante a primeira metade do século XII, de acordo com produções semelhantes encontradas na Alcáçova de Santarém e em Lisboa, ainda durante a ocupação Almorávida (Viegas & Arruda, 1999). O aparecimento de moedas em contextos islâmicos é raro em Santarém, sendo o numisma recolhido em Alfange o segundo identificado, por ora (Batata, Barradas & Sousa, 2004: 72). Esta discrepância cronológica entre numismas e a maior parte da colecção cerâmica, exceptuando a taça verde e manganês não seria de estranhar, visto que as moedas poderiam continuar em circulação durante vários anos.

As semelhanças entre as cerâmicas da Alcáçova (Viegas & Arruda, 1999) e deste arqueossítio não podem ser negadas e tratam-se de produções muito possivelmente de finais do século XI e primeira metade do século XII. Apenas uma peça, um fragmento de taça com cordões verticais pode ser atribuído a produções mais tardias, já Almóadas (Gomes, 2003). No entanto, este fragmento foi encontrado durante a abertura das sondagens que não apresentaram estratigrafia definida e pode perfeitamente ter vindo de outro local, um escorrimen- to das barreiras scalabitanas.

Poderá a comunidade aqui residente ter abandonado o local devido à aproximação das tropas cristãs, atendendo que se encontravam fora da muralha e claramente desprotegida, deslocando-se para o interior das muralhas, procurando a sua protecção?

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, T.; CASIMIRO, T. M. (2013) – “Moeda islâmica no Olival do Parque (Alfange, Santarém) e a degradação de emissões monetárias em reinos de Taifas” in *Arqueólogo Português, série V, volume 3*. Museu Nacional de Arqueologia / Imprensa Nacional – Casa da Moeda (pp. 325-348).
- BANHA, C. (1997) – “As cerâmicas do Alto do Senhor da Boa Morte (Povos): estudo preliminar” in *Boletim Municipal Cira, 7*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal (pp. 75-109).
- BATATA, C.; BARRADAS, E.; SOUSA, V. (2004) – “Novos vestígios da presença islâmica em Santarém” in *Santarém e o Magreb: encontro secular (970-1578)*. Santarém: Câmara Municipal (pp. 68-77).
- BUGALHÃO, J.; GOMES, S.; SOUSA, M. J. (2007) – “Consumo e utilização de recipientes cerâmicos no arrabalde ocidental de Lisboa islâmica (Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros e Mandarin Chinês)” in *Revista Portuguesa de Arqueologia, 10.1*; Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (pp. 317-343).
- CALADO, M.; LEITÃO, V. (2005) – “A ocupação islâmica na Encosta de Santa (Lisboa)” in *Revista Portuguesa de Arqueologia, 8.2*; Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (pp. 459-470).
- COELHO, C. (2012) – A cerâmica verde e manganês do castelo de Sintra, *Arqueologia Medieval, 12*; Campo Arqueológico de Mértola/Edições Afrontamento (pp. 91-108).
- GOMES, R.V. (2003) – *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb al-Andalus: a Alcáçova*, Trabalhos de Arqueologia n.º 35, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, S. (1998) – “Cerâmica de verde e manganês do Castro da Cola” in *Actas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela: Câmara Municipal (pp. 57-65).
- NAVARRO-PALAZÓN, J.; JIMÉNEZ-CASTILLO, P. (1996) – “Estudio sobre once casas andalusies de Siyâsa” in *Memorias de Arqueología, 5*; Murcia (pp. 526-595).
- SILVA, M. (2011) – *A Cerâmica Islâmica da Alcáçova de Santarém, das unidades estratigráficas 17, 18, 27, 28, 30, 37, 39, 41, 193, 195, 196, 197 e 210*; Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (texto policopiado).
- VIEGAS, C.; ARRUDA, A. (1999) – “Cerâmicas islâmicas da Alcáçova de Santarém” in *Revista Portuguesa de Arqueologia, 2.2*; Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (pp. 105-186).

